

CONTROVÉRSIAS EUCARÍSTICAS DO SÉC. XVI E SUA ATUALIDADE

Lázara Divina Coelho¹
Genilson Rodrigues de Araújo²

Jesus pegou o pão e o abençoou; e, partindo, o distribuía. Então os olhos deles foram abertos, e o reconheceram...
(Evangelista Lucas)

Este artigo versa sobre os princípios eucarísticos dos reformadores Zuínglio e Calvino do séc. XVI. Escrever sobre o assunto é importante na medida em que esses dois grandes ícones da Reforma Protestante promoveram, de forma variada, intenso debate que vinha dos idos da Igreja Medieval. Isso é importante porque ajuda a compreender o ensino atual sobre o tema e lança luz sobre possíveis distanciamentos daqueles princípios.

Contribuem com o estudo, Cairns (2008), Campos (1996), Faria (2008), George (1993), González (2015), Hägglund (1986), MacGrath (2004) e Matos (s/d.). E se concentra na história das controvérsias eucarísticas e no pensamento dos reformadores em questão, analisados separadamente; no contexto em que estão inseridos e suas influências; no contexto histórico das controvérsias eucarísticas dominantes na igreja medieval; além disso, analisa a expansão das controvérsias eucarísticas pela Europa e como a vida das pessoas era influenciada por essas controvérsias.

De forma específica, o pensamento dos reformadores será analisado mediante comparação entre os pontos de cada um sobre a Ceia do Senhor: quais são esses pontos, como se deram as discussões e como ocorreu o acordo que resultou no triunfo da doutrina reformada. Antes, porém, oferece-se uma visão geral sobre as concepções predominantes no meio cristão.

1 Teóloga e doutoranda em Ciências da Religião na Pontifícia Universidade Católica de Goiás. E-mail: lazaracoelho@gmail.com.

2 Gestor de Recursos Humanos, estudante de Teologia e especializando em Teologia Sistemática na Faculdade Assembleiana do Brasil. E-mail: pr.genilson@hotmail.com.

1 AS CONCEPÇÕES PREDOMINANTES SOBRE A CEIA DO SENHOR

Há, basicamente, quatro concepções que predominam no mundo cristão: transubstanciação, consubstanciação, presença espiritual e memorial.

1.1 A TRANSUBSTANCIAÇÃO

Essa é a concepção crida e praticada pela Igreja Católica Apostólica Romana. Nessa noção, a Ceia do Senhor deve ser ministrada ao povo em um só elemento, a hóstia. Este pequeno pão sem fermento, de forma arredondada, após ser consagrado pelo sacerdote ministrante, passa por uma transformação em sua substância (daí o termo *transubstanciação*), o que o torna, literalmente, o corpo de Cristo. Nesse entendimento, essa transformação não é visível porque ocorre apenas na *substância* do pão e não nos seus *acidentes*. Desse modo, o elemento eucarístico, ainda que apresente em sua forma e aparência os atributos do pão, é, em sua essência, carne humana.

Uma das implicações dessa doutrina, segundo Granconato,

[...] é que sempre que a eucaristia é celebrada no culto católico (e isso acontece em todas as missas), o sacrifício de Cristo se repete. Portanto, se três missas forem realizadas num só domingo numa mesma catedral, naquele dia o sacrifício de Cristo se repetirá ali três vezes, o mesmo ocorrendo em outras igrejas romanistas ao redor do mundo. (s/d., s/p.)

É essa suposta repetição contínua do sacrifício do Senhor que dá o motivo pelo qual as igrejas católicas celebram sua ceia num altar e não numa mesa como fazem as igrejas evangélicas.

1.2 A CONSUBSTANCIAÇÃO

Essa é a concepção crida e defendida pela Igreja Luterana. Esse segundo modo de interpretar a Ceia do Senhor foi proposto por Martinho Lutero (1483-1546), que rejeitara a transubstanciação, considerando-a uma doutrina irracional e condenara o ensino de que o sacrifício de Cristo se repete na eucaristia, considerando-o um ensino não bíblico.

Porém, ao interpretar literalmente a afirmação de Jesus, “Isto é o meu corpo”, o reformador alemão acabou propondo que mesmo permanecendo o pão a ser pão e o vinho a ser vinho, a presença física de Cristo é real na Ceia, de modo que seu corpo é recebido por todos os participantes da mesa do Senhor; no dizer de seus credos, a Ceia do Senhor “é o verdadeiro corpo e sangue de nosso Senhor Jesus Cristo para ser comido e bebido por nós, cristãos, sob o pão e o vinho”. Esse receber a substância dos elementos junto com a substância do corpo físico do Senhor configura uma *consubstanciação*, nome que a doutrina de Lutero recebeu posteriormente.

A implicação primária dessa doutrina é a necessidade da presença corporal de Cristo no pão e no vinho como expressão de benefícios para o crente; por conseguinte, todas as vezes que é celebrada a Ceia do Senhor, o sacrifício de Cristo é repetido. Zwinglio a combateu afirmando que os benefícios da Ceia são puramente espirituais!

1.3 PRESENÇA ESPIRITUAL

Essa concepção é aquela crida e defendida pela Igreja Reformada. Essa noção acerca da Ceia, conhecida como *presença espiritual*, foi ensinada por João Calvino (1509-1564), para quem a Ceia é um sacramento em que a carne e o sangue do Salvador estão espiritualmente presentes, sendo *exibidos* nos elementos (pão e vinho), de modo que os que participam deles alimentam-se em espírito do próprio Senhor. Nesse sentido, ao receber o símbolo do corpo, o crente deve confiar que a ele está sendo dado também o próprio corpo. Na celebração da eucaristia, o corpo de Cristo está fisicamente presente no céu e, pelo poder do Espírito, os cristãos participam da sua carne e do seu sangue, unindo-se desse modo ao Senhor e recebendo seus benefícios.

Segundo Graconato,

Isso significa que os benefícios de sua morte substitutiva (redenção, justiça, santificação e vida eterna) são renovados e reforçados em prol dos comungantes. Isso, porém, só acontece com quem come e bebe com fé. Os que o fazem na

incredulidade não recebem tais benefícios; no lugar de serem beneficiados são condenados por sua indignidade! (s/d., s/p.)

Nessa concepção, o sacrifício de Cristo não se repete durante a eucaristia.

1.4 MEMORIAL

A quarta concepção acerca da ceia é chamada *memorial*. Essa é a visão segundo a qual a ceia é apenas uma ordenança do Senhor, útil para trazer à memória dos crentes o sacrifício que Cristo realizou no Calvário. Geralmente, essa doutrina é atribuída ao já mencionado reformador Ulrico Zwínglio. De fato, Zwínglio rejeitou qualquer noção sobre a presença de Cristo nos elementos eucarísticos. Para ele, comer a carne do Senhor significava crer nele, de modo que a expressão “isto é o meu corpo” devia ser entendida como uma metáfora.

Zwínglio via a Ceia como um sinal mediante o qual o crente comprova sua fé e mostra para a igreja que pertence a Cristo, além de ser um momento de recordação, alegria e gratidão por sua obra em favor do homem.

Ainda que as duas primeiras concepções sejam importantes para seus seguidores (católicos e luteranos, respectivamente), a discussão aqui gira em torno das duas últimas: a calvinista (presença espiritual) e a zwingliniana (memorial).

2 HISTÓRIAS DAS CONTROVERSAS EUCARÍSTICAS: ZWINGLIANOS E CALVINISTAS

No período da Reforma Protestante a igreja exercia grande influência na vida das pessoas tanto em aspectos econômicos quanto sociais. A vida religiosa estava em primeiro plano, o que significa que os elementos que compõem esse contexto de vida era, de fato, a base impulsora da vida na Europa de então. Na liturgia, os elementos do culto recebiam uma atenção especial, inclusive a eucaristia, que foi o motivo de muitas discórdias. Em todos os países e cidades alcançadas pela Reforma Protestante, as controvérsias eucarísticas foram inevitáveis (CAMPOS, 1996). Dentre as várias controvérsias envolvendo os elementos sacramentários, destacam-se as zwinglinianas e as calvinistas, além daquelas

relacionadas às tentativas de trazer uma posição coerente às discórdias que acabaram resultando em várias obras e sermões e até em documentos, como o de Consensus Tigurinus, referente ao acordo de Zurique (1549).

Segue-se uma exposição da vida e do pensamento dos dois reformadores no *front* da controvérsia: Calvino e Zwinglio.

2.1 BREVE HISTÓRICO E PENSAMENTO DE CALVINO

João Calvino (1509-1564) foi o principal teólogo cristão da Reforma, de nacionalidade francesa. Nasceu na cidade de Noyon em 10 de julho de 1509 e faleceu na cidade de Genebra (Suíça) em 27 de maio de 1564 (CAIRNS, 2012). Teve um papel histórico fundamental no processo da Reforma Protestante. Foi um importante sistematizador das doutrinas da Reforma, ainda que não intencionalmente para a criação de uma dogmática. Sua grande contribuição para a Reforma foi a obra publicada originalmente em latim, *Institutio Religionis Christianae*, *Institutas da Religião Cristã* ou, simplesmente como é conhecida, *Institutas*, cuja primeira edição foi publicada em 1536 enquanto encontrava-se exilado em Basileia, na Suíça. Aceita como expressão final da teologia reformada, posteriormente foi reeditada na língua francesa.

O reformador francês teve a oportunidade de aprender com o grande reformador e influenciador³ protestante em Estrasburgo, Martin Bucer (1491-1551), e foi influenciado pelo pensamento de Agostinho de Hipona (354-430 d.C.), importante teólogo dos primeiros séculos do Cristianismo.

Campos afirma que Calvino, em relação aos sacramentos, seguiu o pensamento de Agostinho, “porque cria que o sacramento era uma forma visível de uma graça invisível” (CAMPOS, 1996, p. 13). Cabe, aqui, uma observação sobre o pensamento de Agostinho nesse quesito; segundo o historiador JND Kelly, nos escritos do homem de Tagaste é possível um veredito equilibrado de que ele aceitou

³ Bucer influenciou as vertentes luterana, anglicana e calvinista em suas doutrinas e práticas. Era, originalmente, um membro da Ordem Dominicana, mas em 1518, influenciado por Martinho Lutero, conseguiu que seus votos monásticos fossem anulados. Começou, então, a trabalhar pela Reforma Protestante, com o apoio de Franz von Sickingen. Em 1549, exilou-se na Inglaterra onde, sob orientação de Thomas Cranmer, influenciou a segunda revisão do *Livro de Oração Comum*. Morreu no exílio, aos 59 anos de idade. Embora o ministério não levou à formação de uma nova denominação, muitas denominações protestantes têm afirmado como um dos seus próprios.

um realismo atual, de forma que, na pregação sobre “o sacramento da Ceia do Senhor para pessoas recém-batizadas”, ele comentou: “Esse pão que você vê no altar, santificado pela Palavra de Deus, é o corpo de Cristo. Essa taça, ou melhor, o conteúdo dessa taça, santificado pela Palavra de Deus, é sangue de Cristo. Por esses elementos o Senhor Jesus Cristo quis transmitir Seu corpo e sangue, que Ele derramou por nós.” (Sermão 227).

Há certamente passagens em seus escritos que dão uma justificativa superficial para todas essas interpretações, **mas um veredicto equilibrado deve concordar que ele aceitou o realismo atual.** Assim, na pregação sobre ‘o sacramento da Ceia do Senhor ‘ para pessoas recém-batizadas, ele comentou [Serm 227] ‘Esse pão que você vê no altar, santificado pela Palavra de Deus, é o corpo de Cristo. Essa taça, ou melhor, o conteúdo dessa taça, santificado pela Palavra de Deus, é sangue de Cristo. Por esses elementos o Senhor Jesus Cristo quis transmitir Seu corpo e sangue, que Ele derramou por nós.’ ‘Você sabe’, ele disse em outro sermão [Serm 09:14], ‘o que você está comendo e que você está bebendo, ou melhor, a quem você está comendo e quem você está bebendo.’ Comentando sobre licitação do salmista que devemos adorar o escabelo de seus pés, ele apontou [Enarr no Salmo 98:9] que esta deve ser a terra. **Mas uma vez que adorar a terra seria uma blasfêmia, ele concluiu que a palavra deve misteriosamente significar a carne que Cristo tomou da terra e que Ele nos deu para comer. Assim era o corpo eucarístico que exigia adoração.**

Mais uma vez, ele explicou [Enarr em Salmo 33, 1, 10] a frase: ‘Ele foi levado em suas mãos’ (LXX de 1 Sam 21:13), que no original descreve a tentativa de David de dissipar as suspeitas de Aquis, como referindo-se o sacramento: ‘Cristo foi realizada em suas mãos, quando ele ofereceu seu próprio corpo e disse: ‘Este é o meu corpo’.

Poderíamos multiplicar os textos como estes que mostram Agostinho tomando por garantido a tradicional identificação dos elementos com o sagrado corpo e sangue. Não pode haver nenhuma dúvida de que ele compartilhou o realismo assegurado por quase todos os seus contemporâneos e antecessores.” (Kelly, Early Christian Doctrines, pp. 446-447)

Foi contra a doutrina da transubstanciação, ou seja, que pão da ceia é transformado na real carne de Cristo e o vinho no real sangue de Cristo. A intenção

de Calvino era remover o pensamento de que havia mudança de substancia para outra, o que havia era uma comunicação de benção pela presença substancial de Cristo. Esse era seu pensamento em relação à ceia, que é confirmado pela expressão “substancia”. Para Calvino, há uma mudança no significado quanto ao uso, o que ele não concordava era com a mudança substancial material dos elementos. O pensamento de Calvino era determinado pela as Escrituras e faz uso dela para refutar doutrinas contrárias no que concerne a eucaristia.

2.2 BREVE HISTÓRICO E PENSAMENTO DE ZWINGLIO

Ulrico Zwínglio (1484-1531) foi um teólogo suíço e o líder inicial da Reforma Protestante na Suíça. Fervoroso patriota, foi o fundador das igrejas reformadas daquele país.

O reformador suíço nasceu na vila de Wildhaus, no cantão de St. Gall, nordeste da Suíça, dois meses depois do nascimento de Martinho Lutero. Recebeu uma educação esmerada, com forte influência humanista oriunda de seus professores na Universidade de Berna; posteriormente, na Universidade de Basileia, onde bacharelou-se e recebeu o grau de mestre em artes (1506), foi influenciado pelo interesse bíblico de alguns mestres, inclusive o grande humanista e tradutor do Novo Testamento, o holandês Erasmo de Roterdã (1466-1536). Após a ordenação ao sacerdócio, atuou em Glarus (1506) e em Einsiedeln (1516) como sacerdote e capelão; em 1519 foi para Zurique, onde teve a oportunidade de pregar sistematicamente e, como sacerdote, fez defesa em favor dos ensinamentos das Escrituras, inclusive, fazendo a tradução da Bíblia.

As influências bíblicas e humanistas e as suas próprias experiências como capelão de mercenários suíços na Itália o levaram a opor-se a esse sistema. Essa postura contribuiu para a sua transferência, em 1516, de Glarus para Einsiedeln e, dois anos mais tarde, para Zurique, onde serviu como sacerdote da principal igreja da cidade. Em 1519, sob influência da leitura do Novo Testamento de Erasmo, começou uma série de sermões bíblicos que causaram impacto. A partir daí, defendeu um grande programa de reformas em cooperação com os magistrados civis.

No ano de 1522 protestou contra o jejum da quaresma e o celibato clerical, e casou-se com Ana Reinhart; escreveu *Apologeticus Archeteles*, seu próprio testemunho de fé, e renunciou ao sacerdócio católico romano; tornou-se pastor protestante e, nessa condição, foi contratado pelo concílio municipal de Zurique. Nos dois anos que se seguiram, atuou em uma série de debates públicos sobre a fé protestante, mudando rapidamente a vida eclesiástica da cidade de Zurique, daquele Cantão, e das cidades vizinhas como Berna e Basileia, e levando à progressiva implantação da Reforma no país.

Sobre essas disputas, todas públicas, têm origem em uma determinação do conselho da cidade de Zurique, com o objetivo de esclarecer, com base nas Escrituras, as questões geradas pelos pontos de vista de Zwinglio. Para isso, o reformador publicou uma série de 67 artigos de fé, publicados posteriormente como *A Exposição de suas 67 Conclusões (1524)*; essa série é considerada a primeira declaração pública da Fé Reformada e, apesar de não ter adquirido o *status* de autoridade simbólica, marcou grande avanço do Protestantismo enquanto abrangeu uma grande variedade de assuntos.⁴

As mudanças resultantes incluíam, dentre outros, a rejeição do papado e da hierarquia eclesiástica, a supressão dos mosteiros e o término das missas; além destes itens por si mesmos basilares, incluíam também a tradução da Bíblia e da liturgia, uma melhor preparação teológica e a inclusão do laicato na direção do culto; e, ainda, um sistema disciplinar mais rígido.

O ponto alto desse movimento aconteceu em 1525 com a substituição da missa pela Ceia do Senhor. Na verdade, suas ideias sobre o culto público⁵ e os

4 Sabe-se que na primeira disputa da série, ocorrida em 29 de janeiro de 1523, havia uma audiência de 600 pessoas, incluindo o clero e membros dos dois conselhos da cidade de Zurique (o maior e o menor). O reformador a venceu contra representantes do clero católico de várias cidades suíças (St. Gall, Berna, Schaffhausen e Constança), e as consequências foram inevitáveis: casamento de ministros, batismos no vernáculo e sem exorcismos, imagens retiradas dos templos. A segunda, em 23 de outubro do mesmo ano, foi feita perante uma audiência de 900 pessoas e contou com 350 clérigos e 10 doutores, e os assuntos foram as imagens e a missa; dessa disputa resultou a produção, por Zwinglio, de uma "Pequena instrução cristã", que seria enviado pelo Conselho dos Duzentos a todos os ministros do Cantão, aos bispos de Constança, Basileia e Coire, à Universidade de Basileia e a doze outros Cantões. E, em 20 de janeiro de 1524 ocorreria a terceira disputa na qual os defensores da missa foram, mais uma vez, vencidos. Nesta disputa Zwinglio denunciou, por meio da pregação, o lastimável estado do clero de sua época; essa pregação, posteriormente, foi reimpressa com o título *O pastor*. As três disputas foram mantidas diante de leigos assim como clérigos e no idioma vernacular. Elas trouxeram questões religiosas perante o tribunal do povo de acordo com o gênio das instituições republicanas. (E-CRISTIANISMO/A REFORMA SUIÇA)

sacramentos,⁶ que vinham de sua formação bíblico-humanista e amadurecimento no serviço sacerdotal-pastoral, representaram a ruptura mais radical com as antigas tradições, mais ainda do que aquela que fez o movimento luterano; além disso, causou grandes mudanças sobre a missa⁷ e o papado, e promoveu muitas controvérsias, especialmente, contra os luteranos. (CAMPOS, 1996; MATOS, s/d.).

O pensamento de Zúinglio é revelado em seus escritos,⁸ que são classificadas por Schaff (2005), em obras reformatórias e polêmicas, obras reformatórias e doutrinárias, obras práticas e litúrgicas, obras exegéticas, obras patrióticas e políticas, obras poéticas e epistolares.

5 Na Igreja antiga havia dois centros de unidade: a doutrina e o culto público. Além do acordo doutrinário que permitia que a igreja fosse uma e, ao mesmo tempo, presente em várias partes do mundo, a Igreja antiga tinha, como o âmago de seu culto, a comunhão ou eucaristia. Na cosmovisão do cristão daquele tempo, a igreja não celebrava a eucaristia; a eucaristia criava a igreja: “a igreja não é um corpo que decide adorar; antes, um corpo criado e sustentado pelo próprio ato de adoração. A igreja é uma porque participa da mesma refeição que aponta para o banquete final, quando toda a igreja estará presente. Os cristãos podem estar espalhados pela face da terra, mas na comunhão recordam-se da esperança manifestada em uma das mais antigas orações eucarísticas: ‘Assim como este pão estava espalhado pelos montes, e recolhido tornou-se uno, assim também seja a tua igreja recolhida desde os confins da terra em teu Reino’ (DIDAQUÊ, 9.4)”. (GONZÁLEZ, 2015, p. 161)

6 O termo *sacramento* tem origem no latim *sacramentum*, que é a tradução feita por teólogos de fala latina da palavra grega *mysterion* que, por sua vez, refere-se a algo secreto ou oculto devido a ser, em geral, algo escondido por ser inescrutável e revelado apenas quando o próprio mistério se dá a conhecer, isto é, quando se revela; a palavra *sacramento*, portanto, às vezes traz as mesmas conotações de mistério escondido e inescrutável. Além disso, no seu uso latino, a palavra ainda traz a ideia de juramento, especialmente o juramento que uma pessoa fazia de servir a outros indivíduos ou os ritos pelos quais o juramento se afirmava; a palavra *sacramento*, portanto, às vezes traz as mesmas conotações de rito de iniciação em uma religião ou em uma corporação. Sendo assim, os cristãos, especialmente aqueles de fala latina, se dedicaram a investigar a natureza exata dos sacramentos, bem como sua validade e eficácia. Discutiu-se validade e eficácia a partir da definição da natureza de um sacramento: segundo Agostinho de Hipona, trata-se de um “sinal visível de uma graça invisível” (DOS SACRAMENTOS DA FÉ CRISTÃ, I, 9, 2). Tomás de Aquino contribuiu com a questão com a distinção aristotélica entre *forma* e *matéria*: no sacramento, “as palavras são a forma, e as coisas sensíveis, a matéria” (S. Th., III, 6, 7). Desse modo, “na comunhão a matéria é o pão e o vinho, e a forma são as palavras da instituição.” (GONZÁLEZ, 2015, p. 178)

7 A forma pela qual a igreja medieval celebrava a missa fez Zúinglio, o reformador suíço, estabelecer mudanças radicais. O que ele mais asseverou foi que a igreja não estava seguindo a Bíblia corretamente ao pregar a repetição do sacrifício de Cristo a cada missa. “Por repetição deve entender-se a missa, como sendo o sacrifício de Jesus Cristo acontecendo cada vez que a cerimônia da missa acontece” (CAMPOS, 1996).

8 Campos (1996) lista as seguintes obras importantes de Zúinglio: “The Clarity and Certainty of the Word of God, em 1522; Sixty-Seven Theses, em 1523; Commentary on the True and False Religion, em 1525; On the Baptism e On the Lord’s Supper, para as suas controvérsias sacramentárias; The Providence of God, em 1530; Fidei Ratio, para a Dieta de Augsburg em 1530; sua obra final foi Exposition of the Faith, em 1531, numa tentativa debalde de convencer o Rei da França para a causa da Reforma.” (CAMPOS, 1996, p. 9)

3 COMPARANDO OS PENSAMENTOS: O COLÓQUIO DE MARBURGO (1529)

O pensamento de Calvino, com relação aos sacramentos, está em uma posição entre o pensamento de Lutero (consubstanciação) e Zwinglio. Essa posição deixa insatisfeitos ambos os lados. Fica claro, pelos escritos de Calvino, que ele rejeitou a ideia luterana de consubstanciação. Entretanto, embora rejeitando essa ideia, ele concordava com os luteranos em que o corpo de Cristo é dado na Ceia. Como isso pode acontecer? Calvino também afirmou muito claramente que o corpo de Cristo permanece no céu e retém suas propriedades humanas. A resposta a essa questão é encontrada na ação do Espírito Santo em relação à Ceia; Cristo não vem a nós do céu, mas o poder do Espírito nos eleva a Ele nos céus. Então, nós tomamos parte de Cristo na Ceia de um modo espiritual e celestial. Há uma presença real de Cristo na Ceia do Senhor, mas é um modo celestial de presença.

Calvino faz críticas aos zwinglianios que rejeitavam a presença de Cristo na ceia. “Os discípulos de Zwinglio certamente criam que os crentes eram participantes do Espírito de Cristo, mas eles evitavam qualquer participação de comunhão do Espírito vinculado com o corpo de Cristo, que era simbolizado nos elementos.”⁹ Para Zwinglio, a ceia não são meios de graça, mas sinais da graça e quem participa da ceia não recebe o corpo e sangue de Cristo, o que de fato recebe são sinais da graça de Deus. Com isso a ceia um memorial, meramente.

Para Zwinglio os incrédulos comem a carne e bebem o sangue, mas o sentido deles permanece obscuro, para Calvino o ímpio recebe o elemento visível, mas não se beneficia dele. Para Zwinglio o papel do Espírito Santo é operar em nós a justificação pela Palavra, para Calvino o papel do Espírito Santo é comunicar as bênçãos aos participantes dos sacramentos. Zwinglio e Calvino rejeitam o pensamento de que o recitar as palavras consagra os elementos. Zwinglio não deu importância à união mística, para Calvino os sacramentos nos une a pessoa de Cristo¹⁰. Em Zwinglio, a fé tornar o sacramento eficaz, o pensamento de Calvino é o contrário, mas pela fé nos apropriamos dele. “Basicamente, o entendimento de

9 HEBER, campos. Controvérsias eucarísticas do séc. XVI, 1996, p. 96.

10 HEBER, campos. Controvérsias eucarísticas do séc. XVI, 1996, p. 115.

Calvino das Palavras utilizadas na Instituição dos sacramentos não difere muito da de Zwinglio”.¹¹

4 CONSENSO

Na Suíça, tensão foi concentrada com relação à natureza da Ceia do Senhor, embora não tivesse desaparecido totalmente. Após longas discussões foi estabelecido um acordo, Este acordo resultou no Consenso Tigurino, um documento destinado a unir às igrejas protestantes sobre suas doutrinas dos sacramentos, particularmente a Ceia do Senhor. A importância desse documento a respeito da Ceia do Senhor é a afirmação de que no sacramento, há uma verdadeira união de vida com Cristo, e que os elementos não são “vazios”, mas meios da graça e transmitem os benefícios da redenção.

Houve triunfo da doutrina calvinista ao substituir o zwinglianismo, corrente teológica dominante até então. Calvino tentou unir as doutrinas calvinistas com as zwinglianas, mas se opunha a doutrina da transubstanciação, visão católica romana e da doutrina da união sacramental, visão luterana. A doutrina calvinista foi aceita pelas igrejas em Zurique, Genebra e Basileia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, sem sombra de dúvidas Zuínglio e Calvino foram grandes pensadores. É de se esperar que mesmo com as tentativas de ser unirem, nunca houve consenso pleno em pensamento. Suas doutrinas são de suma importância para a igreja. Sabemos que o contexto, ou pano de fundo por traz dos pensamentos foram decisivos e talvez a razão de nunca chegarem ao acordo pleno.

As diferenças de origens entre eles já aponta para diversidade de pensamento. As diferenças são quanto às origens: nascem em contextos familiares

¹¹ Ibid. p. 126.

totalmente distintos. As diferenças também se dão pelas procedências religiosas, formação acadêmica e contexto teológico¹².

O pensamento de ambos em relação à ceia foi influenciado por essas diferenças, apesar de ambos seguirem muito de perto o pensamento de Lutero: apesar de Zuínglio não admitir isso, Calvino, ao contrário, era grato. O pensamento Calvinista ganhou força e assim se consolidou, tornando-se o entendimento comum entre os “Reformados” ou da teologia reformada. As confissões de fé ou credos reformados na parte dos sacramentos segue a mesma linha de raciocínio.

REFERÊNCIAS

CAIRNS, E. Earle. *O Cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã*. São Paulo: vida nova, 2012.

FARIA, Eduardo Galasso. *João Calvino: textos escolhidos*. São Paulo: Ed. do Autor, 2008.

GONZÁLEZ, Justo L. *Uma breve história das doutrinas cristãs*. São Paulo: Hagnos, 2015.

GRANCONATO, Marcos. A ceia do Senhor. Disponível no site *Igreja Batista da Redenção*, em: < http://igrejaredencao.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=363:a-ceia-do-senhor-parte-1&catid=25:artigos&Itemid=123>. Acesso em: 10 ago. 2017.

Hägglund, Bengt. *História da Teologia*. Concórdia: Porto Alegre, 1986.

HEBER, Carlos de Campos. *Controvérsias eucarísticas do séc. XVI*. São Paulo, 1996.

GEORGE, Timothy. *Teologia dos Reformadores*. São Paulo: Vida Nova, 1993.

MCGRATH, Alister. *A vida de João Calvino*. São Paulo: Mundo Cristão, 2004.

MATOS, Alderi de Sousa (Resp.). *História da Igreja*. Disponível na página de história do Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper. em: <<https://cpaj.mackenzie.br/historia-da-igreja/>>. Acesso em: 25 nov. 2018.

_____. *Fundamentos da teologia histórica*. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.

SCHAFF, Phillip. *History of Christian Church, Volume 8: Modern Christianity, The Swiss Reformation*. Disponível no site Christian classics ethereal library, em: <<http://www.ccel.org/ccel/schaff/hcc8.iv.ii.ii.html>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

12 HEBER, campos. *Controvérsias eucarísticas do séc. XVI*, 1996, P.118.